

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU UIRGINARUM* (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO: IMAGENS E DISCURSOS NO INÍCIO DO CRISTIANISMO

Mariana Soares Gama de
Amorim **

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i2p396-415

Resumo: Este artigo visa a discussão teórica acerca da virgindade enquanto estratégia discursiva de controle do corpo e da religiosidade feminina dentro de um contexto de formação do Cristianismo, a partir do *De habitu uirginarum* (248-249) de Cipriano de Cartago, tomando o gênero como norte teórico e realizando uma observação pormenorizada de imagens e discursos presentes no documento. Objetiva-se, nesse sentido, deixar claro quais são os mecanismos empregados na construção estratégica do discurso, que confere à virgindade um caráter doutrinal e amplia o poder de controle da Igreja. Nesse panorama, conclui-se que os elementos textuais do corpus documental são estrategicamente estruturados com base em artifícios retóricos e evocando as Escrituras como forma de demonstrar autoridade. Além disso, sob uma ótica de gênero, essa construção está pautada num processo de significação das diferenças anatômicas, ditas como naturais quando, na verdade, são culturais e revelam assim uma lógica hierárquica em que opera o poderio masculino.

Palavras-chave: Cristianismo, Discurso, Gênero, Imagens, Virgindade

* Vale mencionar que a grafia do documento pode apresentar variações em diferentes edições. A edição que foi utilizada para a produção dessa pesquisa o apresenta como “*De habitu virginarum*”. Entretanto, levando em conta aspectos linguísticos do latim original, a grafia correta é “*uirginarum*”, já que não havia diferenciação entre as letras “v” e “u”.

** Graduanda do 3º período do Bacharelado em História pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Aluna pesquisadora voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFPE), apoiado pela Propesq. E-mail para contato: marianaamorim052@gmail.com.

Introdução

O processo de constituição da Igreja Cristã do Ocidente foi amplamente marcado pela influência daqueles que, de modo apologético, foram denominados “Santos Padres” ou Pais da Igreja. Sendo influentes teólogos, bispos e mestres, auxiliaram, através de suas obras, a constituir a doutrina, moral e pensamento cristãos, razão pela qual são tidos como fontes de autoridade no Cristianismo dos primeiros séculos, que viria a se tornar um complexo conjunto de ideias no dito Medievo, sob sua inegável inspiração, como afirma Cirilo Folch Gomes (GOMES, 1989). Segundo este,

Os Padres visavam elaborar uma cosmovisão cristã. Detectar uma “sabedoria”, de objeto universal, é aliás o fruto de toda reflexão feita sobre a fé-cujo conteúdo é a palavra de Deus reveladora de Seu desígnio sobre o mundo (GOMES, 1989, p.11).

É válido ressaltar que estes indivíduos não apresentavam visões homogêneas a respeito de comportamentos, costumes e condutas que julgavam ser corretos dentro das práticas cristãs que ainda se estruturavam¹. Não obstante, segundo a historiadora estadunidense Joyce Salisbury, é possível perceber, por meio dos quatro primeiros Pais da Igreja, a saber, Tertuliano, Cipriano, Ambrósio e Jerônimo, uma abordagem comum em torno da sexualidade, como a de que esta possui um caráter dual e de que seria consequência da queda do Paraíso, em que Eva é apontada como

¹ Vale destacar que, em razão dessas diferentes visões, podemos apontar para a existência de uma não homogeneidade no Cristianismo dos primeiros séculos, que possuía disposições guiadas por lógicas mais locais. No entanto, a partir da Reforma Gregoriana do século XI, pode-se dizer que há uma espécie de “padronização” das práticas cristãs. Haverá uma espécie de “seleção” de aspectos do Cristianismo que vigorou até esse momento e assim a constituição de uma doutrina. O papel dos Pais da Igreja nisso é indispensável. Mesmo que possuíssem divergentes concepções (para aspectos que não tangem diretamente ao campo da sexualidade), são elas que, “filtradas”, formarão a Cristandade Ocidental e sua doutrina.

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU UIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

pivô (SALISBURY, 1995).

Dentro dessa perspectiva, os tratados doutrinários² que partem desse pressuposto dissertam sobre como mulheres, por descenderem de Eva, possuem naturezas pecaminosas e lascivas. Por isso, tais textos estruturavam exortações à pureza carnal e espiritual, além de ressaltar a necessidade de controle do corpo feminino. A partir da análise do tratado doutrinário do padre africano Cipriano de Cartago (200-258), intitulado *De habitu uirginarum*, nota-se que este, a seu modo, além de ressaltar essa ideia de pureza e necessidade de controle, exalta também a virgindade e defende que esta deve se manifestar na carne e no espírito (CIPRIANO, 248-249).

Assim, o que se pretende levantar enquanto problemática dentro deste artigo, tomando a perspectiva de gênero³ categoria analítica e usando-a como norte teórico direcionador da interpretação do corpus documental acima citado, é de que modo a virgindade adquire um caráter doutrinal para ampliação do poder de controle da Igreja acerca do feminino, situando temporalmente essa análise nos primeiros séculos da era cristã. Para tanto, o documento utilizado servirá para a realização de uma análise pormenorizada dessas concepções expostas pelos Pais da Igreja, que possuem reverberações incisivas no mundo medieval a partir das teses que defendem.

De modo geral, no escopo de responder à problemática suscitada, objetiva-se

² Devemos compreender que, ao falar de tratados doutrinários, falamos de textos que dissertam sobre aspectos da vida cristã procurando estabelecer um modelo ideal a ser seguido.

³ Deve-se entender gênero como construção social, discursiva e imagética que legitima sujeitos e subalternos no âmbito das relações de poder.

deixar claro quais são os mecanismos empregados para que a virgindade adquira esse caráter doutrinário, visando o controle da figura feminina, partindo do referido tratado de Cipriano. Em outras palavras, esta pesquisa fará análise de aspectos discursivos contidos no documento, com o intuito de abordar a construção estratégica do discurso e de que modo esse mecanismo legitimou as relações de poder, ou seja, promover uma análise de como os elementos textuais contidos no *corpus* documental se associam às práticas de controle do corpo e da religiosidade das mulheres.

Breve apresentação do autor e documento

No que diz respeito às temáticas de corpo e virgindade, temos em Tácscio Cecílio Cipriano, no *De habitu uirginarum*, um debate bastante profícuo sobre o assunto. Nascido numa família abastada pagã, com membros no governo municipal, em Cartago, aproximadamente entre 200 e 210, teve sólida formação em latim, grego, direito e retórica. Estima-se que seu batismo tenha se dado em 246 e dois anos depois foi ordenado presbítero e posteriormente bispo. Seus escritos são caracterizados por apresentarem naturezas bastante pontuais e com objetivos práticos, o que se torna importante quando pensamos no propósito doutrinário para o qual o opúsculo foi elaborado.

Escrito por Cipriano no Norte da África, possivelmente entre 248 e 249, logo após assumir um cargo episcopal, *De habitu uirginarum* se constitui como um pequeno opúsculo de caráter pastoral, em que há um elogio ao estado virginal, bem como o estabelecimento de diretrizes quanto à correta indumentária feminina. A leitura desse tratado permite identificar seu caráter circunstancial e prático, isto é, pautado nos comportamentos levianos que o autor enxergava nas virgens e no que

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

julgava como um arquétipo de conduta para esse grupo.

Segundo Caroline Soares (2018), em *De habitu uirginarum* Cipriano apresenta as virgens cristãs como mulheres repletas de virtudes, mas aponta também os cuidados que elas devem ter em relação ao mundo e suas tentações. A autora afirma que:

Em seu discurso, Cipriano faz uso de uma retórica persuasiva para tentar convencer a virgem a seguir as suas determinações e normas disciplinares. Para tanto, utiliza como estratégia, conceito cunhado por De Certeau, a metáfora *sponsa Christi* (esposa de Cristo), ressaltando o significado e a importância dessa expressão, de modo a justificar o comportamento exemplar, que ele espera ser adotado pela virgem cristã, baseado na modéstia e na obediência (SOARES, 2018, p. 92)

É perceptível que a concepção de corpo para Cipriano passa por uma rigorosidade que foi comum aos demais Pais da Igreja. Há rigorosidade em relação ao estado virginal, à continência e celibato, bem como uma espécie de retroalimentação entre a religiosidade e o corpo, ainda que espírito e carne sejam abordados como dimensões dialéticas. O autor se apoia largamente em Paulo para formular suas concepções, já que o apóstolo dissertou sobre a pureza e celibato nas comunidades cristãs, servindo então de apoio para a virgindade doutrinal estruturada por Cipriano.

Apesar de sua reduzida extensão, este documento é bastante significativo, já que se estrutura como a mais completa contribuição da tradição nos três primeiros séculos para a história da teologia e do monaquismo. Foucault (2019) afirma que, para a Cristandade latina da primeira metade do século III, este é o tratado mais amplo dedicado à prática da virgindade. Nesse espaço de tempo em que foi produzido, o estado virginal, quando equiparado ao estado monástico, não representa apenas integridade corporal, mas se estende também ao espírito,

promovendo uma união direta com Cristo e antecipando as graças da salvação; então era preciso que uma virgem fosse conhecida e acreditada como tal. Assim, apoiado em textos do Novo Testamento como os de Lucas, Mateus, Pedro e sobretudo o de Paulo com seus apontamentos acerca de carne e espírito, Cipriano realça a beleza da virgindade e de uma vida direcionada em sua totalidade para Deus.

Análise de gênero e aspectos discursivos no *De habitu uirginarum*

O historiador alemão Koselleck pontuou de maneira bastante precisa que cada conceito carrega em si uma historicidade, envolvendo a influência dos sujeitos históricos e dos quadros em que estes estão inseridos (KOSELLECK, 1992). Nesse sentido, vale destacar que a virgindade é abordada aqui a partir da visão doutrinal de Cipriano. É vista como um estado que se manifesta na carne e espírito, pautada na ideia de que essas duas dimensões se retroalimentam, ainda que vivam em constante conflito. No entanto, o aparato de gênero de que fazemos uso é contemporâneo e por isso é preciso destrinchá-lo para que fique claro o norte com o qual analisamos a virgindade, imagens e discursos no início do Cristianismo.

Segundo a historiadora estadunidense Joan Scott, possuímos uma necessidade de rejeição do aspecto físico e duradouro da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução de caráter genuíno dos termos das diferenças sexuais. Assim, a autora afirmou que “os/as historiadores/as feministas estão agora bem posicionados/as para teorizar suas práticas e para desenvolver o gênero como uma categoria analítica” (SCOTT, 1995, p. 84). Scott diz que “o termo gênero faz parte de uma tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre mulheres e homens” (SCOTT, 1995, p. 85)

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

A autora afirma também sua definição de gênero tem diversos subconjuntos inter-relacionados, que devem ser analiticamente diferenciados. O gênero seria, nesse sentido, um elemento estruturante das relações sociais a partir das diferenças visíveis entre os sexos e também uma forma de dar significação às relações de poder. Assim, quando há mudança na organização das relações dispostas na sociedade, entende-se que houve, por vez, mudança nas representações de poder. Scott pontua também que o gênero envolve os “símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas (e com frequência contraditórias) - Eva e Maria como símbolos das mulheres, por exemplo, na tradição cristã ocidental - mas também mitos de luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção” (SCOTT, 1995, p. 86). São, portanto, indispensáveis aos historiadores compreender em quais contextos essas representações são empregadas, de que modo e o porquê.

Ela afirma também que “deve-se pontuar que há conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter suas possibilidades metafóricas” (SCOTT, 1995, p. 86). Esses conceitos estão dispostos em diversos contextos, tais como nas doutrinas religiosas, aspectos educacionais, políticos, científicos e jurídicos, materializando-se em oposições binárias fixas, que formulam de maneira inequívoca e categórica quais são os significados de ser homem ou mulher e que aspectos devem tanger as dimensões do masculino e feminino.

Pensando nesse quadro, os desafios que abarcam o campo do gênero consistem em obliterar essa noção fixa, em revelar a constituição do debate ou da repressão que traz a ideia de uma permanência na representação de caráter binário do gênero. Essa operação deve envolver uma concepção de política e o conhecimento das instituições e organização social.

Por fim, a autora descreve que o gênero se estrutura em torno da identidade subjetiva e concorda com as perspectivas de Gayle Rubin, em que a psicanálise concede uma teoria determinante sobre a reprodução do gênero, uma espécie de transformação da sexualidade biológica dos indivíduos à medida que estes passam por um processo do que Scott chamou de enculturação.

Tais considerações servem de norte teórico para analisar o opúsculo produzido por Cipriano, tendo em vista que essa definição fornecida, baseada na operação desses elementos, pode ser identificada dentro do tratado. Nota-se, no documento, essa constituição da figura feminina dentro de uma lógica hierarquizante nas relações sociais com base em diferenças anatômicas e culturais/ religiosas, significando as relações e estruturas de poder - delimitadas nesta pesquisa à percepção da tentativa de ampliação do controle sobre o corpo e religiosidade das mulheres. Torna-se perceptível também a questão de uma identidade subjetiva, representações baseadas na hierarquização dos sexos, além de um processo de significação cultural da sexualidade, abordada de maneira constante como uma estrutura de cunho naturalístico dentro do tratado para reproduzir dominação manifestada por homens.

Assim, os já mencionados elementos textuais do tratado estruturam como mecanismos estratégicos de construção discursiva à medida que legitimam relações de poder, desdobradas no controle da figura feminina, a partir de aspectos retóricos muito bem elaborados, embasados em passagens específicas de diferentes textos neotestamentários, que tornam as argumentações concisas e convincentes e, sobretudo, como já dito, na metáfora *sponsa Christi*.

Essas passagens atribuem à virgindade um tom doutrinal, pautado na exaltação desse estado e utilizando recursos como a salvação para exortar as virgens

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

no propósito de servir a Deus. Em resumo, a construção estratégica desses elementos textuais converge com e endossa as práticas de controle do corpo e da religiosidade das mulheres já retratadas.

Vale lembrar aqui, sob a justificativa de enriquecer o aparato teórico e trazer variadas discussões que possam ampliar análises e entendimentos, outra ótica de gênero baseada nos trabalhos da filósofa francesa Simone de Beauvoir, para a qual essa estruturação discursiva estaria pautada na construção cultural do feminino, influenciando, por vez, a estruturação de significados sociais que abarcam a existência das mulheres e promovem sua subordinação, legitimando uma relação de poder em que há sujeitos e subalternos, isto é, uma lógica hierarquizante (BEAUVOIR, 1967; 1970). É uma ótica útil para compreender o documento trabalhado no sentido de fornecer aparatos que permitem um entendimento acerca do feminino enquanto construção cultural marcada por significados imbricados nas relações de poder.

Para além de tais análises, o sociólogo Pierre Bourdieu e o antropólogo Maurice Godelier, a partir de uma abordagem sociológica que rompe com uma perspectiva naturalística⁴, afirmam que nas sociedades onde há dominação masculina, ocorre uma espécie de instrumentalização da sexualidade para naturalizar esse poderio. Em outras palavras, as diferenças anatômicas e fisiológicas passam por um processo de significação cultural para legitimar uma hierarquia pautada nas diferenças entre os sexos (BOURDIEU, 2007; GODELIER, 1983). Percebemos esse traço no opúsculo de Cipriano quando se retrata o caráter lascivo das mulheres, pautado em sua natureza, em sua constituição, afirmando ser necessário controlá-las; ampliando assim o poder da Igreja sobre o corpo feminino e a religiosidade

⁴ Termo utilizado para designar a capacidade de existir de forma autônoma na natureza.

manifestada por meio desse.

De modo semelhante a Bourdieu e Godelier, a filósofa estadunidense Judith Butler deixa evidente que há, em torno do gênero, uma vinculação direta e política à estruturação de sujeitos e suas relações hierárquicas dentro de uma ordem de compulsoriedade⁵. Em Cipriano, essa estruturação fica clara quando o autor versa sobre o lugar social das virgens. A autora também promove questionamentos sobre a dimensão natural das diferenças fisiológicas e anatômicas entre os sexos, e rompe com o estruturalismo ao propor a ideia de sexo como uma categoria fundada social e culturalmente; e o gênero como uma categoria fundada em performatividade⁶. Em resumo, ser homem ou mulher não é um *status* biológico, e sim performático (BUTLER, 2003).

Assim, tais considerações são úteis para analisar o *De habitu uirginarum* porque evidenciam, dentro do discurso, essa construção sociocultural em torno do feminino, ampliando o poder de controle sobre o corpo e a religiosidade das mulheres por meio dessa hierarquia, dita natural, voltada ao favorecimento da figura masculina.

Corpo, alma e renúncia sexual no início do Cristianismo

O historiador irlandês Peter Brown afirma que no Cristianismo dos primeiros séculos, a ideia de uma oposição entre espírito e carne consistiu numa espécie de abreviação teológica de caráter peculiarmente profético. O apóstolo Paulo ocupa papel central dentro dessas análises, já que retrata em suas epístolas a guerra entre

⁵ No texto, compulsoriedade é um termo utilizado para designar aquilo que possui uma natureza compulsória, quase que obrigatória, levando em conta que as construções de gênero são influenciadas por relações de poder que legitimam sujeitos através de aspectos discursivos, sociais e imagéticos, reconhecendo socialmente os indivíduos que as seguem

⁶ Performatividade é um termo utilizado para designar o caráter de performances sobre o qual o gênero se estrutura, pautado em construções sociais, imagéticas e discursivas, como já mencionado.

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

essas duas dimensões, influenciando largamente as concepções acerca da conduta sexual dentro desse contexto de Cristianismo primitivo. O autor ressalta que nas comunidades fundadas por Paulo, o corpo, especialmente dos homens mais jovens, “não deveria desfrutar de nenhum dos despreocupados momentos de indeterminação que lhe eram concedidos pelos pagãos” (BROWN, 1990, p. 53). Isso porque o corpo não era neutro, mas visto, segundo afirma Paulo em 1 Coríntios, um templo do Espírito Santo. Assim, em seus textos acerca das condutas sexuais, o apóstolo ressalta práticas voltadas à necessidade de santificação.

Brown ressalta que Paulo não estava determinado a estender o celibato a toda a Igreja, já que isso prejudicaria a perpetuação de seus ensinamentos para comunidades em que operava a autoridade de chefes de família. No entanto, baseado nos escritos de Paulo em 1 Coríntios 7, o autor afirma que o apóstolo tendeu a solucionar a posição do celibato na Igreja com base em sua vocação apostólica, afirmando que “seria bom que o homem não tocasse em mulher” (BÍBLIA, N.T) mas que nem todos podiam esperar alcançar esse dom da castidade, pois nem todos eram chamados por Deus de maneira igual. Para ele, o casamento representava uma ausência de vocação para uma vida em continência e um obstáculo para se ligar diretamente a Deus, pois tornava o indivíduo dividido, com uma vida em que havia distrações do propósito de voltar-se inteiramente para Cristo (BÍBLIA, N.T). Entretanto, afirmava também ser melhor casar-se do que observar um celibato despreocupado com as tentações (BÍBLIA N.T). Essas concepções influenciaram, além da constituição da Igreja, os textos de Cipriano que, em consonância com o apóstolo, fazem exortações à pureza, sobretudo à virgindade como portas para uma vida ascética e conseqüentemente para a salvação, ainda que não deixe de considerar o casamento em seus escritos.

Em sentido complementar, o medievalista francês Le Goff e o jornalista Nicolas Truong afirmam que o dinamismo da sociedade e da civilização medieval resulta de tensões, sendo aquela existente entre corpo e alma uma das principais. Por um lado, o corpo será desprezado, tido como condenado, visto que para salvação da alma nos textos de autoridade, este necessita de uma penitência corporal. Assim, abstinência e continência sexuais eram vistas como fortes virtudes. Os autores apontam que o pecado original contido na Bíblia torna-se, na Idade Média, a partir da institucionalização da religião cristã, um pecado sexual (LE GOFF; TRUONG, 2006). Vale ressaltar ainda que:

São os Padres da Igreja que introduzem e fomentam essa grande reviravolta conceitual, com a instauração do monarquismo. "O ideal ascético" conquista o cristianismo por meio de sua influência na Igreja e se torna o pilar da sociedade monacal, que, na alta Idade Média, buscará se impor como o modelo ideal da vida cristã (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 37).

O medievalista francês Jean-Claude Schmitt (SCHMITT, 2006), afirma que a carne possui papel central na história da salvação e em geral, por meio dos textos medievais. As palavras corpo e alma são comumente citadas em caráter dialético, ora em sentido próprio, como componentes da pessoa humana, ora como recursos metafóricos, sendo objetos de incontáveis textos teológicos, como *De cultu feminarum*, de Tertuliano; *De virginitate*, de Ambrósio e o próprio *De habitu uirginarum*, de Cipriano. Essas concepções são oriundas de diferentes tradições culturais, algumas, inclusive, precedem o surgimento do Cristianismo (SCHMITT, 2006). Foucault, filósofo francês, defende que, ao que parece, durante o primeiro século de existência das práticas cristãs, estas incluíram o mesmo sistema de moral sexual que a cultura antiga, para posteriormente se diferenciar desta (FOUCAULT, 2019). Compreende-se, desta forma, que o Cristianismo não foi o criador dessa visão negativa do corpo como

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU UIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

instrumento de pecado, mas foi divulgador dessa associação de modo bastante amplo.

Schmitt afirma que foi justamente Paulo um dos primeiros a lançar as bases da representação cristã das relações entre corpo e alma (que podem ser vislumbradas também em 1 Coríntios) e, por consequência, da pessoa humana. Segundo o autor, Paulo afirma que a alma é privilégio do homem e criação singular de Deus e que:

Embora se diga que cada homem é criado “à imagem de Deus”, o entendimento mais corrente é que ele não é esta “imagem”, nem em seu corpo visível nem na totalidade de sua alma, mas somente na parte superior de sua alma (a razão: *noûs* ou *mens*). É nesse sentido que o homem, embora pecador, não deixa de levar a marca do divino, mesmo que o corpo, pelo sofrimento e pela morte, e que a alma, por sua fraqueza temporária, sofram tais limites como consequências do Pecado Original (SCHMITT, 2006, p. 255).

Ainda segundo o autor, a Cristandade já estruturada concebia uma ideia de corpo e alma em sentido dialético⁷, o que conferia ao primeiro um *status* de expressão exterior dos movimentos que ocorriam no interior e não materializáveis da alma, tais como emoções, sentimentos, estados psíquicos e o próprio pensamento. Nas palavras de Schmitt, “a reação de pudor dos primeiros pais, que escondem o sexo no momento em que tomam consciência de sua falta [...], pode a esse respeito ser tida como o gesto fundador da condição humana” (SCHMITT, 2006, p. 259).

Um olhar de gênero acerca do *De habitu uirginarum*

Estruturalmente, *De habitu uirginarum* é iniciado trazendo abordagens sobre a necessidade de disciplina na vida do cristão e faz elogios à virgindade para, em segundo plano, abordar o caráter de perigo que ornamentos, riquezas e vaidade possuem, pois distraem a mulher cristã e a desviam de seu propósito de servir a

⁷ Designa oposição, conflito gerado pela contradição.

Cristo de maneira integral. Além disso, Cipriano expande suas análises também para os espaços levianos⁸ que deveriam ser evitados por mulheres em estado virginal para que não se contaminassem com o pecado na carne e no espírito. Por fim, exorta as virgens a permanecerem em seu estado de maneira coerente e atenta.

O autor afirma que um corpo imaculado é puro, propriedade de Deus e por isso deve ser dotado de total disciplina, submissão e atenção para que não haja desvios de conduta. Em sentido complementar, descreve as virgens como sublimes, repletas de graça, honra e beleza, como possuidoras da glória divina e de uma índole feliz, livre de pecados e corrupções.

Cipriano afirma também o estado virginal antecipa a vida que seria dada aos indivíduos após a ressurreição, sendo essencial estimular a permanência neste modelo de conduta, que representa a fecundidade e abundância da Igreja. Então, mantê-lo significava apoiar essa instituição. O seguinte trecho serve bem para exemplificar tal concepção acerca das virgens:

São elas a flor da semente da Igreja, beleza e honra da graça espiritual, índole feliz, obra íntegra e incorrupta, digna de louvor e estima, imagem de Deus correspondendo à santidade do Senhor, a mais ilustre porção do rebanho de Cristo (CIPRIANO, 248-249, p. 30)

Partindo de tais pressupostos, o autor descreve uma série de normas a serem seguidas, no intuito de evitar a perda desse *status* virtuoso tanto no corpo quanto na alma. Em outras palavras, para garantir que as consagradas pudessem cumprir sua obra e receberem a recompensa por isso. Portanto, todas as práticas que as direcionassem ao mundo, ao agrado dos homens, que tivessem potencial de rompimento da pureza e as desviassem do divino deveriam ser inteiramente

⁸ Este termo foi utilizado com o objetivo de designar os espaços em que há comportamentos que divergem da conduta ideal descrita por Cipriano, locais que aproximariam as virgens do pecado.

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

rechaçadas. O autor indaga:

Mas, se a continência segue o Cristo e a virgindade é destinada ao Reino de Deus, o que têm elas a ver com os cuidados mundanos e os ornamentos pelos quais procuram agradar aos homens e ofendem a Deus? (CIPRIANO, 248-249, p. 31).

Uma virgem deveria demonstrar seu estado na alma e na aparência, evidenciando sua integridade e evitando dúvidas sobre seu caráter. É dentro desse panorama que o tratado condena o luxo, a valorização de bens terrenos acima dos bens espirituais, já que os primeiros direcionam à soberba e concupiscência. Além do apóstolo Paulo, o apóstolo Pedro, também constantemente citado por Cipriano em toda a extensão do documento, ressalta que os adornos de uma virgem devem possuir claros limites e ser carregados de modéstia e recato (BÍBLIA, N.T)

Assim, há uma condenação ao uso de roupas de luxo, pérolas, ouro, de maquiagens, penteados extravagantes que atraem olhares e evocam desejos, paixões e sedução, fazendo com que o estado virginal seja rompido. Mais do que isso, Cipriano afirma que esses traços são comuns às prostitutas e por isso servem como instrumentos de diferenciação entre esses dois grupos. Ademais, a riqueza não convertida em boa obra⁹ poderia tornar-se também um instrumento de perdição, afastando mulheres do caminho divino. Cipriano afirma que:

Não é vã essa precaução, nem inútil esse receio que velam pelo caminho da salvação, guardam os preceitos vivificantes do Senhor, a fim de que aquelas que se dedicaram ao Cristo e – renunciando à concupiscência carnal – consagraram a Deus seu corpo e sua alma consumam a sua obra destinada a grande recompensa. E, assim, não mais se apliquem a ornar-se, nem a agradar a quem quer que seja, a não ser ao seu Senhor, do qual esperam a recompensa de sua virgindade, porquanto ele mesmo diz: “Nem todos

⁹ Entenda-se boa obra como tudo aquilo que servisse a propósitos divinos, que pudesse glorificar o nome de Deus.

compreendem essa palavra, mas só aqueles a quem foi dado compreendê-la: há eunucos que assim nasceram do seio materno, há eunucos que a isso foram reduzidos pelos homens, e há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do reino dos céus”. Enfim, o valor da continência é também manifestado por estas palavras do anjo, pregando a virgindade: “Estes são os que não se mancharam com mulheres: são virgens e seguem o Cordeiro aonde quer que ele vá”. E Deus não prometeu a graça da continência somente aos homens, negligenciando as mulheres; mas porque a mulher é uma parte do homem e porque dele é tirada e formada, em quase todas as Escrituras Deus se dirige àquele que foi formado primeiro, por serem dois numa só carne, e pelo masculino se designa também a mulher (CIPRIANO, 248-249, p. 30).

Como forma de justificativa aos escritos de Paulo, Cipriano ressalta que Deus não ensinou a tingir roupas, fabricar jóias, maquiagens e adornos, sendo estes objetos mecanismos demoníacos que podem causar o desvio. Por isso, tais recursos são proibidos para aqueles que desejam passar por uma edificação, sobretudo às virgens, cujo propósito de vida deve ser o de servir a Cristo de maneira genuína, afastadas de concepções ou vontades mundanas. O autor diz que virtudes como sinceridade e verdade se perdem, por exemplo, quando cores de roupas são adulteradas (CIPRIANO, 248-249). Isto é, quando o autêntico é transgredido. Endossa ainda, pautado nos apóstolos já citados e no Evangelho de Mateus (BÍBLIA, NT) que não se deve alterar nem a cor de cabelo, porque essa atitude representa uma alteração da obra divina perfeitamente construída.

O autor afirma, de modo bastante incisivo, que as virgens que se utilizam desses artifícios não devem mais ser vistas como tal, por estarem afetadas, contaminadas pelo mundo e seus aspectos, podendo manchar a imagem da Igreja e conduzir outras ao pecado (CIPRIANO, 248-249). Dever-se-ia, portanto, evitar o que era pernicioso ao estado de pureza, modesto e sóbrio. Diz ainda que é vergonhoso estar entre consortes, ter conversações lascivas, proferir palavras torpes, discursos levianos, inflamar paixões, despertar sedução e falar inconveniências que diminuem a

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

virgindade no corpo e na alma. Cipriano também condena os banhos públicos, em que corpos consagrados à pureza e pudor são expostos e sensualizados, tornando a virgindade exposta, observada e conseqüentemente profanada através dos maus olhos. Para ele

De resto, se tu te penteias luxuosamente, se andas em público com ostentação, se seduzes os olhares dos jovens, se atraís os suspiros dos adolescentes, se nutres a paixão, se inflamas os incentivos do desejo, de modo que, embora não te percas, leves outros à perdição, oferecendo-te como gládio e como veneno aos que te contemplam, não te podes desculpar como sendo casta e pudica em espírito. O luxo inconveniente e o ornato impudico acusam-te [de falsidade]. Já não podes ser contada entre as donzelas e as virgens de Cristo, pois vives de modo a suscitar paixão (CIPRIANO, 248-249, p. 33).

Notam-se, no documento, as perspectivas de gênero já debatidas e que constituíram o norte teórico desse artigo. É perceptível que Cipriano redige o documento estando inserido em uma lógica hierárquica de representação dos sexos, que constrói culturalmente as imagens das mulheres e amplia o controle sobre seus corpos e sua religiosidade, num contexto de formação inicial do Cristianismo, estruturando uma virgindade doutrinal, pautada em uma construção estratégica do discurso que legitima sujeitos e subalternos.

Complementando esse panorama, vale destacar aqui os apontamentos de Nicolas Truong e Le Goff que são úteis para compreendermos a situação das mulheres no mundo medieval. Os autores apontam que os textos interpretativos acerca das Escrituras, produzidos pelos Pais da Igreja são repetidamente retomados no Medievo e contribuem para a estruturação de uma concepção da Criação que é desfavorável à mulher. Assim, chamam atenção para o fato de que

A subordinação da mulher possui uma raiz espiritual, mas também corporal. "A mulher é fraca", observa Hildegarde de Bingen no século XII, "ela vê no

homem aquilo que pode lhe dar força, assim como a lua recebe sua força do sol. Razão pela qual ela é submetida ao homem e deve sempre estar pronta para servi-lo". Segunda e secundária, a mulher não é nem o equilíbrio nem a completude do homem. Em um mundo de ordem e de homens necessariamente hierarquizado, "o homem está em cima, a mulher embaixo", escreve Christiane Klapisch-Zuber" (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 52).

Conclusão

Acreditamos, a partir dos apontamentos acerca do tratado, que a virgindade possui aspecto dualístico, isto é, que deve se manifestar na carne e no espírito sendo, portanto, além de um estado que remete ao divino, um arquétipo de condutas e comportamentos. Nesse sentido, adquire também um caráter doutrinal que amplia o poder de controle sobre o corpo e a religiosidade femininos num panorama inicial de formação do Cristianismo, cujas concepções em estruturação convergiam para tal quadro. Para a estruturação da virgindade enquanto doutrina, são empregados mecanismos estratégicos de construção discursiva que legitimam essa relação de poder já citada e associada ao controle.

Levando em conta o objetivo inicial de trazer à tona quais mecanismos são utilizados para construção desse caráter doutrinal, sob uma ótica de gênero, percebemos que há uma abordagem naturalística acerca da sexualidade, descrita a partir de uma perspectiva divina, enquanto esta é uma construção cultural.

Joan Scott ressalta que os conceitos de gênero estão em constante fluxo e que devem ser problematizados para trazer à tona novas perspectivas e tornar claro o fundamento das estruturas em que há poderio masculino. Nas palavras dela:

A exploração dessas questões fará emergir uma história que oferecerá novas perspectivas sobre velhas questões (como, por exemplo, é imposto o poder político [...]), redefinirá velhas questões em novos termos (introduzindo, por exemplo, considerações sobre a família e a sexualidade no estudo da economia e da guerra), tornará as mulheres visíveis como participantes ativas

GÊNERO E VIRGINDADE NO DE HABITU VIRGINARUM (248-249) DE CIPRIANO DE CARTAGO

e criará uma distância analítica entre a linguagem aparentemente fixa do passado e a nossa própria terminologia. Além disso, esta nova história abrirá possibilidades para a reflexão sobre atuais estratégias políticas feministas e o futuro (utópico), pois ela sugere que o gênero deve ser redefinido e reestruturado em conjunção com uma visão de igualdade política e social que inclua não somente o sexo, mas também raça e classe (SCOTT, 1995, p.93).

Portanto, vislumbramos uma construção da figura feminina dentro de uma lógica hierárquica das relações sociais que influencia discursos de poder ao favorecer a dominação masculina.

Referências bibliográficas

Documento

CIPRIANO. *De habitu virginarum*. In: **Patrística**: Cipriano de Cartago: obras completas I. Tradução realizada pelas monjas beneditinas da Abadia de N.S das Graças. Belo Horizonte: PAULUS Editora, 2016. p. 27-41.

Bibliografia específica

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo I**: Fatos e Mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo II**: A experiência vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

Bíblia Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ed. Barueri- SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: FGV, 2007

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de

janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Historia de la sexualidad IV: Las confesiones de la carne.** Traducción de Horacio Pons. Siglo XXI. 2019

GODELIER, M. **La Production des Grands Hommes.** Pouvoir et domination masculine chez les Baruya de Nouvelle- Guinée. Homme, Année 1983, p. 141-142

GOMES, Cirilo Folch. **Antologia dos Santos Padres:** páginas seletas dos antigos escritores eclesiásticos. 4.ed. rev. São Paulo: Edições Paulinas. 1989.

KOSELLECK, Reinhart. Uma História dos conceitos: problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 134- 146, 1992

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

SALISBURY, Joyce E. **Pais da igreja, virgens independentes.** São Paulo: Editora Página Aberta, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: LE GOFF. Jacques; SCHMIT. Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** São Paulo: Edusc, 2006, 2v. v.1. p. 250-264.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v.20, n.2, p.71-99, 1995.

SOARES, C. S. **O uso da metáfora sponsa Christi por Cipriano de Cartago como estratégia para disciplinar a virgem cristã.** Romanitas: Revista de Estudos Greco-Latinas. 2018, Issue 11, p. 92-110